

A democracia na obra os pátios interiores da democracia: subjetividade e política de Norbert Lechner

Bárbara De Cezaro*
Thami Covatti Piaia**

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar a obra *Os Pátios Interiores da Democracia: Subjetividade e Política de autoria*, de Norbert Lechner. Para isso, o autor leciona acerca da democracia, a partir de uma visão subjetiva e política da revolução democrática, da visão cotidiana da democracia e do realismo político que cerca o tema em debate, dando enfoque especial à América Latina. O medo arraigado no cidadão, a democratização de uma cultura pós-moderna, a busca de certezas e o desencanto pós-moderno são temas trazidos à pauta para análise, debate e reinterpretação da democracia. No intuito de não apenas perpetuarmos, mas transformarmos a realidade social em que estamos inseridos, a leitura da obra proporciona ao leitor uma vasta bagagem, possibilitando estabelecer alguns referentes para reconstruir contextos, traçar possibilidades e ganhar a perspectiva de um novo caminho para a transformação social.

Palavras-chave: Democracia. Política. Transformação Social.

Considerações iniciais

Ao longo de séculos, a democracia se condiciona a margem de variadas interpretações sobre suas raízes, sua realidade estabelecida na atualidade e quais serão as possibilidades de seu futuro no continente.

Nesse cenário de múltiplas interpretações, pensadores como Robert Lechner desempenham um papel importantíssimo na construção de referenciais

<http://dx.doi.org/10.5335/rjd.v28i1.4831>

* Mestranda e bolsista da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Santo Ângelo/RS, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Direito da URI, *campus* de Santo Ângelo/RS. E-mail: barbaradecezaro@gmail.com

** Professora no Mestrado em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Santo Ângelo/RS. Doutora em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. *Visiting Scholar* na Universidade de Illinois – Urbana-Champaign. E-mail: thamicovatti@hotmail.com

histórico-culturais que permeiam o tema aqui desenvolvido, portanto, coube aos intelectuais articular e difundir um quadro de imagens capazes de propagar a democracia na América Latina.

Em análise a essa realidade, o presente artigo se filia à ideia de trazer à tona a trajetória da democracia na América Latina sob a ótica de um importante estudioso do tema.

Nos interessa, ainda, averiguar o papel desempenhado pela democracia na América Latina, suas mutações ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo em que queremos, analisar como essas transformações exigiram novas interpretações sobre o tema central.

Frente à problemática apresentada, o presente artigo tem como objetivo principal analisar a obra de Norbert Lechner denominada *Los Patios Interiores de La Democracia*, permeando caminhos que convidam o leitor a trilhar as ideias acerca de uma inteligente convocação para refletir temas sempre atuais como a democracia, sua revolução, lapidações temporais sofridas e o cotidiano do tema frente a um realismo político, bem como o medo que cerca o tema e a cultura pós-moderna que se estabeleceu na América Latina.

Os pátios interiores da democracia subjetividade e política

No livro *Os Pátios Interiores da Democracia: Subjetividade e Política*, Norbert Lechner remete o leitor ao estudo de um tema sempre instigante e também contemporâneo: a democracia.

O objetivo primordial da obra é explorar a dimensão subjetiva que contorna a política e a democracia. Citando Italo Calvino, há uma comparação entre as cidades com política, sendo as primeiras, tão cheias e passíveis de desejos e medos, traduzem, assim, suas reflexões como os sonhos que não chegam a lugar algum, simplesmente se interrompem.

Para esmiuçar o assunto proposto, Lechner se apropria de temas como revolução, realidade política, medo impregnado em cada cidadão, cultura pós-moderna, vida cotidiana, permitindo dessa maneira que o leitor embarque como coadjuvante da própria história em cada um dos temas propostos.

Aspectos como realidade epistemológica do investigador/protagonista latino-americano, modernidade e crise sob uma visão crítica e ordem desejada são alguns dos inteligentes debates propostos pelo autor.

O autor salienta que seu leitor deve ater-se aos seus escritos de maneira aberta, não teórica, prefere uma reflexão desvelada como “produção de literários”, para que se explore a dimensão subjetiva da política, e para exemplificar sua proposta, cita na página 13 de maneira majestosa, Italo Calvino:

Todo lo imaginable puede ser soñado, pero hasta el sueño más inesperado es un acertijo que esconde un deseo, o más bien su inversa un miedo. Las ciudades, como los sueños están construidas de deseos y de miedos, aunque el hilo de su discurso sea un secreto, sus reglas absurdas, sus perspectivas enganosas y toda cosa esconda outra.¹

O medo, os desejos e os sentidos ocultos estão presentes em todo o livro em um enredo que nos faz pensar como compreender uma crise sem se voltar para uma visão política dos medos que o Estado nos provoca atualmente, e, a necessidade de uma ordem democrática que queremos.

Nos convida a refletir as grandes ideologias, suas planificações globais e uma atual ausência de um novo e desafiador projeto para se encarar o futuro em um ambiente pós-moderno. Nos mostra um hodierno desencanto na democracia, fazendo-se necessário uma reforma da política para nascer um novo olhar sobre o tema.

No caso de Lechner, sua primeira experiência política, dado o interesse pela democracia e transformação social e a utopia das ideias socialistas, segundo ele utópicas, fora no ano de 1968 no governo de Allende. Eis que lhe surge a primeira dúvida sobre quão válidos e irreflexivos eram seus desejos frente às condições apresentadas por uma sociedade moderna e secularizada.

Os acontecimentos políticos dos anos 1960-80 influem na visão do autor no que diz respeito à democracia e às imagens sociais que vivemos e que temos pretensão de construir, que, por muitas vezes, acabam seguindo uma visão padronizada, una. Nasce aqui, e o autor trata de explicar, uma preocupação de como se forma a imagem política em cada pessoa, sendo essa, tradução da sociedade enquanto coletividade seguidora de uma ordem.

A política é compreendida como luta de ordem, em que a cultura a influencia diretamente, nesse sentido, também a democracia tem necessidade de traçar o caminho público para se fazer desenvolver. O livro se vale de substratos subjetivos cognitivos afetivos da democracia para construir um modo diferente de política.

¹ LECHNER, Norbert. *Los Patios Interiores de la Democracia*: subjetividade y politica. Chile. ed. Flacso, 1988. p. 13.

Ressalta-se no livro que na América Latina o debate político dos anos 1960 girava em torno de uma palavra: revolução. Já nos anos 1980 essa palavra é substituída por democracia, demonstrando a necessidade histórica desse momento de ruptura revolucionária.

O autor relembra que a democracia tem suas raízes afixadas em berços de experiências autoritárias que nasceram a partir dos anos 1960, vindo tal autoritarismo a ser denunciado nos anos 1970, elevando a bandeira dos direitos humanos. A crítica que se constrói até hoje do Estado autoritário é a concepção estadista de política, contudo, junto à crítica nasce uma autocrítica ao anterior protagonismo revolucionário.

Para o autor, o autoritarismo gera uma cultura de medo, esse é seu produto. Nesse cenário, as diferenças são transformadas em desvios e submetidas a um processo de normatização em que, sendo impossível abolir as diferenças, essas passam a ser tratadas como transgressões.

Esse clima de medo e incertezas vai ao encontro das promessas da ditadura: acabar com o medo. As ditaduras prometem acabar com o medo e geram outros medos aumentando o sentimento de impotência dos cidadãos. Em tal situação o efeito político mais grave é chamado pelo autor como a erosão das identidades coletivas, capaz de provocar a desordem e por isso mesmo são tidos como dispositivos de disciplinamento social.

Com a alteração da vida cotidiana a abertura de pensamentos mais profissionalizados dos intelectuais da época acabaram por contribuir com a revalorização de uma democracia e consequentemente da política.

No que tange à democracia, seu processo de transição e de consolidação recebem atenção especial. No primeiro caso, a discussão da democracia se dá de maneira mais pragmática, buscando determinar e legitimar uma ordem alternativa, de forma que há aqui a dificuldade na ruptura entre ditadura e democracia, uma vez que são situações, segundo o autor “de encontro”.

Nesse momento, sugere uma nova concepção de política integralizada em um contexto social internacional que, segundo ele, é a chamada cultura pós-moderna podendo essa gerar uma cultura política democrática, vindo ou não responder a alguns dos problemas históricos da nossa sociedade.

Acredita que na América Latina a revalorização da democracia deve se apoiar em hábitos e não restauração de normas, criando, a partir disso, uma espécie de nova gramática. Cita que a validade do “contrato” remete a uma normatividade externa a ele, necessitando que esse seja resultado de uma cole-

tividade. A dificuldade do contrato coletivo está na ambição de agregar uma profunda diversidade e dar-lhe o nome de maioria heterogênea para o autor a isto se dá o nome de “mercado político”.

Para Lechner, e em suas palavras, a contraposição de uma lógica política, a lógica de guerra e a unidade nacional são marcos que possibilitam uma democracia, fazendo uma crítica ao modo instrumental da política, sugerindo um reencontro com a sociedade civil. Nesse enredo, são mencionados os pactos e a necessidade de projetos socialistas para as mais diversas regiões.

Ainda, no que tange à política, o autor denuncia uma imaginação política que se extingue na América Latina, voltando-se, em suas palavras, em uma ação política que se dilui em uma ideia de presente perpétuo. Há para ele um esgotamento de grandes esquemas de representatividade no tema da política.

Ao se referir à vida cotidiana, esse autor observa que há um descontentamento especificamente com as formas de fazer política. Cita, ainda, que houve um grande distanciamento entre as instituições públicas e os cidadãos e, cada vez mais, atividades sociais se submetem ao controle e regulação jurídico-política em nome de um controle social cada vez maior. Para ele, essa prática tem se mostrado incapazes de produzir ou de reproduzir um sentido de ordem, haja vista o poder de tais instituições de tratar em um sentido uno as mais diversificadas identidades coletivas.

Citando um pensamento filosófico de Habermas, Touraine e da análise Marxista nas páginas 52 e 53 do livro, nascem questionamentos acerca da constituição dos sujeitos que levam o leitor a questionar-se sobre a exploração de uma vida cotidiana e a refletir sobre a situação social existente.

Ao refletir o significado de uma vida cotidiana, escreve que esta está hipotecada em uma ausência de reflexão sobre o tema, sendo compreendida como hábitos e atividades que se mantem constantes por um dado período de tempo passíveis de compreensão quando passado. De acordo com o pensamento de Gouldner, página 56, Lechner acredita que a vida cotidiana deve ser analisada como um fenômeno contemporâneo que deve ser compreendido como uma empresa de reflexão crítica para servir de instrumento para construção social.

Menciona ainda que se vive no ambiente pós-moderno um desencantamento com a plenitude de uma harmonia, porém, este mesmo desencantamento pode servir de base para a construção de nova forma de democracia. Parafraseando Marx, cita que não basta constatar que os homens trabalham, dormem e comem, mas também determinar como o fazem.

Nessa visão, Lechner crê ser necessário um “estado de ânimo”, principalmente jovem, para que a cultura pós-moderna seja atendida e também para que o atual significado de política reveja a instalada crise de identidades, lembra, porém que a construção de uma ordem democrática exige uma sincronização de diferentes temporalidades. Essas enfrentam problemas maiores: a escassez do tempo e a imprevisibilidade

Estabelecer prazos, portanto, é uma questão de poder, pois, quem tem poder de fixar o tempo condiciona o uso do tempo dos demais, nesse sentido, a luta política também é um conflito acerca dos prazos disponíveis. Para elucidar, registra a fala de Luhmann que distingue tempo atual e tempo futuro, uma vez que para ele todo presente tem um futuro atual e um horizonte direto de suas possibilidades, logo, somos contemporâneos de um futuro e política é um contínuo enfrentamento com o imprevisto.

A política moderna tem a necessidade de fazer a conexão entre o presente e o futuro através de metas traçadas. O estabelecimento dessa ponte temporal permite contrastar o presente vivido e o futuro desejado.

A sacralização dos estabelecidos princípios políticos como verdade absoluta, como também a resignificação de utopia e uma noção de identidade realizada demonstram anteriormente o clima dos anos 1960, clima esse que aclamava o autoritarismo muitas vezes acompanhado de certa carga religiosa.

Frente a esse pensamento ideológico, uma ideia de revalorização da secularização faz com que seja indispensável separar política dos compromissos étnico-religiosos que foram origem de muitas intransigências do passado. Na opinião de Lechner, reproduzir um passado se torna inviável e, a construção de uma ordem coletiva deve partir de intenções críticas.

Lechner vê a cultura pós-moderna orientada em um processo que chama produto não mais de uma secularização, mas hipersecularização baseada em um desencanto e não em uma força reflexiva. Tal hipersecularização engessa estruturas sociais, como também valorativas e emocionais, resultando em uma estagnação e conseqüentemente uma renúncia à emancipação.

O realismo crítico político acaba por ser a possibilidade da construção de uma nova ordem, sendo essa uma necessidade histórica, necessitando de tempo para que seja estruturada e adquira sentido.

Nas palavras declaradas em seu livro, fazer política implica em estruturar o tempo, cabendo ao homem racional o desafio de sincronizar as diferentes temporalidades levando em conta que o tempo, segundo ele, tem uma dimensão eminentemente política.

Para que haja possibilidade de se construir uma ordem democrática as temporalidades necessitam estar em sincronia. Eis o desafio maior: a escassez de tempo e também a imprevisibilidade para criar uma confiança política calçada em certezas capazes de elaborar, segundo o autor, o chamado tempo da democratização.

Nessa oportunidade, o autor assume que o demasiado interesse pela vida cotidiana se dá pelo próprio descontentamento com a vida hodierna. Para ele, o mundo grego, o cristianismo, a revolução moderna, o mundo moderno vem dando uma consideração especial ao cotidiano e nos fazendo refletir do que nos serve esta retrospectiva em nossa sociedade atual.

Por todas essas análises, intelectuais apontam que o autoritarismo, com o tempo, mostra-se uma forma incapaz de fazer política. Para Touraine, Habermas e desde a análise Marxista nascem interrogações sobre a efetiva construção dos sujeitos sociais, instigando-se, cada vez mais, uma análise reflexiva acerca da situação social apresentada em cada época.

Em se tratando especificamente do Cone Sul, a ditadura trouxe consigo no decorrer dos anos uma preocupação mais profundas pela democracia do que em outras regiões se gerando uma cultura de medo a partir dela.

A cultura do autoritarismo fica, pois, impregnada na perpetuação do homem, há aqui, conseqüentemente uma perda de referentes coletivos e desestruturização de referentes de futuro. O autoritarismo agoniza uma necessidade vital de ordem e se apresenta como sendo a única solução existente.

Atualmente, o clima intelectual está marcado por um desconstrucionismo e em particular a crítica neonietzschiana ao racionalismo iluminista. A reflexão da modernidade tende a repensar a ideia de secularização, sendo campo fértil para se repensar a ideia de democracia. Para Lechner, esse caminho de incertezas se mostra um caminho necessário, porém não suficiente e é somente nesse trilhar por caminhos incertos que se busca uma certeza, a democracia nasce de incertezas.

Norbert se filia de forma tímida em um dos pátios interiores em seu livro, estando dentro desse desencanto pela pós-modernidade, busca um resquício de utopia do século XIX que se parece com uma busca à ordem.

Refere que na América Latina, o termo pós-modernidade representa um momento de transição que abarca em si circuitos econômicos, ideológicos e culturais que se internacionalizam entre o debate europeu e norte americano. Para ele, a pós-modernidade acaba por representar, segundo suas palavras, um

“esgotamento de modernidade”, fato que dá início a uma nova época, a novas reflexões sobre o nosso tempo.

Ao mesmo instante que abre caminhos, esse processo pode afetar gravemente os processos de democratização que estão arraigados em instituições políticas. Por esse motivo, o desencanto político pode morar nos excessos de expectativas que não se pode cumprir, eis a morada do que o autor chama de desencantamento da pós-modernidade, o desencantamento na própria modernidade, dito nas palavras de Max Weber “o desencantamento do mundo”.

A política moderna então surge afastando a religião como instância última de ordem. A política passa a produzir a ordem social, substituindo o fundamento divino pela soberania popular instituída na centralidade de dois sentidos: a ação consciente da sociedade sobre si mesmo e a representação da sociedade em uma ordem coletiva.

A questão proposta pelo autor nesse momento é: pode a sociedade moderna elaborar politicamente uma identidade razoável? E ainda: como articular uma pluralidade de vontades individuais em uma vontade coletiva que, por definição, estabelece limites?

Quando a democracia é violada pela ditadura e pelo autoritarismo, os cidadãos, por medo, tendem a formar comunidades cooperantes, buscando abrigo em pátios interiores como a política. Eis o desejo então de uma política voltada à realidade, disposta a pactos com conteúdo ético.

Eis que a articulação de pluralidade e coletividade são justamente a pretensão da democracia. Lechner afirma, que “a democracia (como princípio de legitimidade) pressupõe uma identidade que a democracia (como princípio de organização) nunca pode produzir como algo permanente e definitivo.”²

Para o autor, o que falta é uma teoria da modernidade que reconheça em plenitude a existência de diferenças, seu valor e a necessidade de dar uma coerência não somente formal, mas substantiva.

Nos últimos anos, a experiência autoritária e a cultura pós-moderna questionam o resultado aparentemente unívoco dessa unidade e se começa revalorizar positivamente as diferenças sociais. Nesses termos, revela a questão: como distinguir uma diversidade legítima das desigualdades ilegítimas?

Nesse ponto, menciona ainda o desencanto pós-moderno como expressão da perda de fé no Estado, hoje percebido como um aparato de dominação, sempre

² LECHNER, Norbert. *Los Patios Interiores de la Democracia*: subjetividade y politica. Chile. ed. Flacso, 1988. p. 170.

em busca de um controle totalitário. Para ele, o Estado atual termina reduzido em um dos três poderes, sendo esse o executivo, passando a sua imagem de coletividade a uma unidade administrativa, um "mercado político" de interesses particulares em que as demandas sociais são absorvidas administrativamente pela burocracia estatal.

Refere não existir um desencanto com a política, mas sim com determinadas formas de fazer política, sendo essas, incapazes de criar uma identidade coletiva. "Nada peor que um poder moralizador que exige no solamente obediencia, sino amor y fe. Com la separación de la politica y fe, de poder y amor, toma cuerpo la autonomia individual."³

Logo, conforme demonstrado, o desencanto atual se refere à modernização e, em particular, a um modo gerencial tecnocrático de fazer política. Vê no desencanto pós-moderno um duplo desafio: o primeiro, repensar um projeto de pós-modernidade e o segundo, nesse cenário, dar ênfase às diferenças sociais. O termo pós-modernidade consiste em assumir a heterogeneidade social como um valor e interrogarmos suas articulações como ordem coletiva.

Lechner nos apresenta um sentido oculto que antes significava razão efetiva, atuante, subjetiva e objetiva, nos levando a acreditar que nos pátios interiores da democracia há uma necessidade subjacente de um sentido material não muito diferente do apresentado no passado, ainda que agora deva ser reencontrado de maneira muito mais exigente na vida do cidadão atual.

Dá-se espaço, ao final da obra, a uma perspectiva que redefine uma mudança, ou, nas palavras do autor, uma revolução através de uma sociedade sem classes, na qual a concepção de reformismo não esteja desencantada no possível processo social.

Refere que a reforma da sociedade significa discernir as racionalidades e fortalecer as tendências que estimamos melhores. O resultado não será uma ordem pura e definitiva, muito pelo contrário, as sociedades seguirão sendo contraditórias e precárias exatamente como a vida é. Essas mudanças, muitas vezes traduzidas em desencantos podem, na visão política, ser frutíferas.

A sensibilidade pós-moderna fomenta a dimensão experimental e inovadora da política: a arte do possível. A revalorização da política pode ser o caminho para uma consciência renovadora do futuro, pois, só confiamos na criatividade política na medida que temos perspectiva de futuro.

³ LECHNER, Norbert. *Los Patios Interiores de la Democracia*: subjetividade y politica. p. 180.

Conclama por fim, ser o desencanto pós-moderno a possibilidade de renovar o impulso crítico e reformador da modernidade.

Considerações finais

Os pátios interiores da democracia remetem o leitor a uma leitura densa, crítica e reflexiva a respeito das revoluções, democracia, realismo político, cultura pós-moderna e contemporaneidade.

Por meio de situações epistemológicas do comportamento latino-americano, crises e desafios da democracia, Lechner traça um caminho sugestivo para a prática da construção da política, de uma ordem desejada pela sociedade.

Em suas preocupações pela democracia e pelo reconhecimento das imagens da sociedade em que estamos inseridos e da sociedade que queremos construir, demonstra sua opinião no sentido de que não se deve obedecer apenas a uma racionalidade, nem tão pouco se pode minimizar os modelos de condutas sociais em apenas uma visão.

Lechner nos ensina ver a revolução da democracia sempre acompanhada de uma revalorização da política e de uma sincronização das diferentes temporalidades que compõe esse fenômeno, para que desse modo, a democracia possa efetivamente enfrentar problemas maiores.

Se acredita que no livro de Lechner exista uma possibilidade de estabelecer alguns referentes para se traçar relações e se ganhar uma perspectiva para fazer nosso caminho à democracia, podendo ser o desencanto pós-moderno a possibilidade de renovar o impulso crítico e reformador da modernidade.

Em analogia, os pátios interiores da democracia se traduzem na necessidade de um sentido material não muito diferente do passado, a necessidade e o desejo de uma política realista, descentralizada e ética serão sempre os anseios dos pátios interiores da vida em sociedade.

O livro nos proporciona a construção de alicerces sólidos para transformar realidades sociais, uma vasta bagagem para que se possa estabelecer alguns referentes na construção de contextos, possibilidades e ganhar perspectivas de novos caminhos. Certamente um legado que será estudado e debatido por muito tempo em prol de uma sociedade mais justa.

Democracy in the work the inner courtyards of democracy: subjectivity and Norbert Lechner policy

Abstract:

This paper aims to analyze the work *The Interior Courtyards of Democracy and Political Subjectivity* authored by Norbert Lechner. To this the author teaches about democracy from a subjective and political vision of the democratic revolution of everyday vision of democracy and the political realism that surrounds the discussion, giving special focus on Latin America. The ingrained fear in citizens, democratization of post-modern culture, the search for certainty and postmodern disenchantment are brought to agenda topics for analysis, debate and reinterpretation of democracy. In order to not only perpetuate but transform the social reality in which we live, reading the book provide the reader with vast experience that allows referring to rebuild establish some contexts, tracing possibilities and make the prospect of a new way for social transformation.

Keywords: Democracy. Policy. Social Transformation.

Referência

LECHNER, Norbert. *Los Patios Interiores de la Democracia: subjetividade y politica*. 1 ed. Chile: Flacso, 1988.